



ISSN: 2230-9926

Available online at <http://www.journalijdr.com>

# IJDR

International Journal of Development Research

Vol. 14, Issue, 10, pp. 66773-66777, October, 2024

<https://doi.org/10.37118/ijdr.28813.10.2024>



RESEARCH ARTICLE

OPEN ACCESS

## ENSINANDO PSICOPATOLOGIA: REFLEXÕES DE UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA

<sup>1</sup>José Raimundo Evangelista da Costa, <sup>2</sup>Flávio Rossi Provazi and <sup>3</sup>Ernane R. Rijo Borges

<sup>1</sup>Psicólogo. Psicanalista. Especialista em saúde mental e atenção psicossocial. Especialista em filosofia e direitos humanos. Mestre em bioética. Doutor em psicologia clínica. Professor titular do curso de Psicologia da Universidade Paulista; <sup>2</sup>Psicólogo. Especialista Clínico em Psicoterapia Ambulatorial. Professor do curso de Psicologia da Universidade Paulista – UNIP; <sup>3</sup>Psicólogo. Especialista em Gestalt-terapia Clínica e Institucional. Mestrando em Psicologia Clínica e da Saúde. Coordenador no Programa Dá Pra Atender! da Secretaria Municipal de Saúde da Cidade de São Paulo. Professor do curso de Psicologia da Universidade Paulista – UNIP

### ARTICLE INFO

#### Article History:

Received 11<sup>th</sup> July, 2024  
Received in revised form  
28<sup>th</sup> August, 2024  
Accepted 19<sup>th</sup> September, 2024  
Published online 30<sup>th</sup> October, 2024

#### Key Words:

Psicopatologia, Estágio supervisionado, Oficinas terapêuticas, Psicanálise, Saúde mental.

\*Corresponding Author: José Raimundo Evangelista da Costa

### ABSTRACT

O estudo teve como objetivo relatar a experiência de professores orientadores da prática de psicopatologia psicanalítica. Os professores orientadores desempenham um papel crucial ao orientar os estagiários para além da superficialidade do diagnóstico, adotando uma abordagem que priorize a singularidade de cada paciente. O relato de experiência proporcionou uma compreensão profunda sobre a complexidade e os desafios sobre a saúde mental e os desafios enfrentados no contexto do ensino da psicopatologia psicanalítica. Apesar da angústia inicial, observa-se que os estagiários valorizam e aprendem com as aulas práticas. Pois, têm a chance de relacionar teoria e prática, aplicando oficinas terapêuticas, observando e entrevistando pacientes, realizando exames psíquicos e levantando hipóteses diagnósticas. Podemos afirmar que a experiência prática do ensino da psicopatologia, enriquece o aprendizado dos estagiários e humaniza a teoria da psicopatologia, mostrando que cada diagnóstico representa uma pessoa com uma história única e complexa. Através dessa prática, estagiários e professores orientadores aprendem a importância da empatia, da confidencialidade e do respeito no tratamento dos pacientes.

Copyright©2024, José Raimundo Evangelista da Costa et al. This is an open access article distributed under the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Citation: José Raimundo Evangelista da Costa, Flávio Rossi Provazi and Ernane R. Rijo Borges. 2024. "Ensinando Psicopatologia: Reflexões de uma Experiência Prática". International Journal of Development Research, 14, (10), 66773-66777.

## INTRODUÇÃO

A experiência proporcionada pela prática da psicopatologia ajuda a desenvolver, nos estagiários, habilidades e competências essenciais para a prática profissional. As atividades práticas proporcionam experiências marcantes na vida de todos os envolvidos: professores orientadores e estagiários. Assim, essas atividades tornam-se essenciais quando pensamos na formação dos futuros profissionais, permitindo-lhes uma vivência prática enriquecedora e, ao mesmo tempo, proporcionando a relação entre a teoria e a prática. Na formação dos futuros psicólogos, a disciplina de psicopatologia tem sido uma constante desde a criação das faculdades de psicologia, que se proliferaram pelo país a partir dos anos 1970. Com o ideal clínico, a psicologia também adotou o modelo médico como padrão para a formação dos profissionais da área. Tradicionalmente, a psicopatologia tem sido ensinada quase exclusivamente por psiquiatras, devido à falta de psicólogos qualificados no passado (Ferreira, 2002). No entanto, essa prática está mudando.

Atualmente, muitos psicólogos têm se especializado e se preparado para ensinar psicopatologia de maneira mais aprofundada. Eles estão se qualificando não apenas por meio de estudos acadêmicos, mas também através de experiências práticas e formação contínua, o que lhes permite oferecer uma abordagem mais completa e dinâmica. Os psicólogos têm se mostrado cada vez mais capacitados para ensinar estagiários e profissionais sobre os conceitos, diagnósticos e tratamentos relacionados às diversas condições psicopatológicas, contribuindo significativamente para a formação profissional dos futuros psicólogos. De acordo com Dalgarrondo (2019), em psicopatologia e psiquiatria, precisamos lidar frequentemente com síndromes, cujo diagnóstico exato dos transtornos específicos ou doenças muitas vezes é difícil e incerto. Mesmo com mais de duzentos anos de esforços constantes para identificar os transtornos mentais de forma eficaz na prática clínica, ainda não é possível alcançar tal feito em todos os casos clínicos. Essa dificuldade abre o debate sobre o valor e os limites implicados nos diagnósticos em saúde mental, apresentando assim duas posições extremas. A primeira discute o valor do diagnóstico, considerando que cada

pessoa vive em uma realidade única, ou seja, devemos considerar a subjetividade do indivíduo. Em muitos casos, o diagnóstico serve como base para rotular e controlar pessoas divergentes, especialmente em regimes totalitários. Essa perspectiva enfatiza, em um primeiro momento, a importância de reconhecer e respeitar o sujeito e sua singularidade. Em outras palavras, cada sujeito possui uma vivência emocional considerada pessoal e que não pode ser completamente categorizada por um diagnóstico generalizante. A tentativa de classificar ou rotular o sujeito com base em um diagnóstico pode não capturar de maneira precisa sua experiência interna e suas necessidades únicas. A segunda posição apresenta uma visão em que o diagnóstico é fundamental e comparável ao das demais áreas médicas, sendo considerado essencial para a prática psiquiátrica (Heckers, 2015). Dalgalarondo (2019) enfatiza a importância de considerar os aspectos individuais, defendendo que um diagnóstico psicopatológico aprofundado é crucial para compreender o paciente e definir possíveis estratégias psicoterapêuticas adequadas.

De acordo com a Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho e Emprego (Brasil, 2002), o psicólogo é responsável por estudar, avaliar e realizar pesquisas no desenvolvimento emocional, além dos processos de saúde mental e sociais dos sujeitos, grupos e instituições. Seu trabalho inclui a análise e o tratamento de distúrbios emocionais e mentais relacionados a questões de adaptação social, acompanhando os pacientes ao longo de todo o processo de tratamento. Assim, o psicólogo analisa os fatores relacionados ao inconsciente que afetam o comportamento e desenvolve pesquisas teóricas e clínicas, correlacionando-as com a experiência de cada pessoa, além de coordenar equipes e atividades relacionadas à sua área de atuação. Ao estudar e praticar a psicopatologia, não se fazem julgamentos morais sobre o que é analisado; o objetivo é apenas observar, identificar e entender os diversos aspectos dos transtornos psíquicos. Além disso, a psicopatologia deve rejeitar qualquer tipo de dogma ou verdade absoluta, seja religiosa, filosófica, psicológica ou biológica; o conhecimento buscado está sempre sujeito a revisões, críticas e reformulações. Em outras palavras, a psicopatologia, como ciência dos transtornos mentais, exige um constante debate científico e público sobre todos os seus postulados, conceitos e verdades estabelecidas (Dalgalarondo, 2019). O estudo teve como objetivo relatar a experiência de professores orientadores da prática de psicopatologia psicanalítica. Esses professores desempenham um papel crucial ao orientar os estagiários para além da superficialidade do diagnóstico, adotando uma abordagem que priorize a singularidade de cada paciente.

## MÉTODOS

Este estudo adotou o método de "relato de experiência", caracterizado como um estudo descritivo que se concentra em narrativas e reflexões sobre as experiências e vivências dos professores orientadores da prática da psicopatologia psicanalítica. As informações foram coletadas por meio de relatos de professores envolvidos no processo de ensino, além de observações de aulas práticas que documentaram situações reais enfrentadas no campo de estágio. Os dados foram obtidos diretamente da prática pedagógica relacionada ao ensino da psicopatologia. Cada relato reflete as situações enfrentadas pelos professores orientadores, destacando os desafios e aprendizados adquiridos ao longo das atividades em sala de

aula e no campo de estágio. Esse enfoque oferece uma visão detalhada sobre como os conceitos de psicopatologia são transmitidos e assimilados, explorando a aplicação prática do conhecimento na formação de futuros psicólogos. O objetivo do estudo foi proporcionar uma visão aprofundada sobre a transmissão e assimilação dos conceitos de psicopatologia no contexto de estágio. Os dados foram analisados e correlacionados com a literatura existente na área, permitindo a identificação de padrões, lacunas e boas práticas no ensino da psicopatologia. Isso contribuiu para uma compreensão mais rica do processo de aprendizagem dos estagiários. Além de relatar as experiências dos professores orientadores, o estudo também buscou oferecer uma reflexão crítica sobre a prática pedagógica, com o objetivo de contribuir para a melhoria da formação em psicologia e para o desenvolvimento das competências essenciais dos futuros profissionais da área.

## RESULTADOS

**Relato de Experiência:** O ensino da psicopatologia para estagiários de psicologia é uma fonte constante de aprendizado e reflexão. O contato direto dos professores orientadores com estagiários, pacientes e a instituição concedente molda a abordagem pedagógica e aprofunda a compreensão da psicopatologia psicanalítica. A prática de estágio é fundamental para consolidar os conhecimentos teóricos adquiridos em sala de aula, permitindo que os estagiários vivenciem a complexidade da psicopatologia no campo real, em que os desafios práticos exigem soluções que muitas vezes não são contempladas pela teoria isolada. Esse processo de integração entre teoria e prática forma a base para o desenvolvimento de competências essenciais na formação profissional. Este relato busca descrever, em detalhes, a experiência dos professores orientadores de estágio em psicopatologia e os desafios práticos enfrentados no campo de estágio. Os primeiros dez minutos de cada aula prática são dedicados à introdução das diretrizes éticas, incluindo a importância do respeito, confidencialidade e empatia no contato com os pacientes. A confidencialidade, conforme o Código de Ética do Psicólogo (CFP, 2005), estabelece que o psicólogo deve "resguardar o sigilo profissional, protegendo a privacidade do paciente em relação a todas as informações obtidas durante o atendimento" (Art. 9). O sigilo só pode ser rompido em situações previstas por lei ou com o consentimento do paciente, assegurando um ambiente de confiança, essencial para a eficácia do processo terapêutico. Além do sigilo, outras questões éticas, como a responsabilidade social do psicólogo em relação ao contexto socioeconômico dos pacientes e a promoção da autonomia do indivíduo, também são discutidas de forma contínua, destacando o papel do psicólogo como um agente de transformação social.

Essas diretrizes são fundamentais na formação dos estagiários frente aos desafios clínicos que enfrentarão. A orientação também envolve a introdução das oficinas terapêuticas planejadas para o dia, inspiradas nos trabalhos de Nise da Silveira, que destacava a importância da arte como meio de expressão para os pacientes psiquiátricos. Nise acreditava que as atividades expressivas realizadas com os pacientes poderiam externar emoções e pensamentos que dificilmente emergiriam de outra forma, como, por exemplo, por meio da fala (Silveira, 1981). Essa visão é enriquecida pela compreensão de que a arteterapia oferece uma via de

comunicação simbólica que possibilita ao paciente acessar conteúdos inconscientes, criando uma ponte entre o consciente e o inconsciente. Essas oficinas, que utilizam pintura, modelagem e outras formas de arte, promovem a saúde mental de forma integral, sendo um espaço de cuidado de si e de subjetividade. De acordo com a própria Nise, cada paciente explora novos aspectos de sua própria psique, o que facilita o processo de autoconhecimento (Silveira, 1981). Essas práticas, ao serem aplicadas, proporcionam aos pacientes uma oportunidade de se expressar livremente, em um ambiente acolhedor e terapêutico, favorecendo o tratamento humanizado, essencial para o bem-estar emocional e psicológico dos participantes. Ao chegar à unidade designada, a apresentação aos funcionários e pacientes marca o início da interação direta com o ambiente terapêutico. Essa introdução é uma oportunidade para estabelecer um ambiente de confiança e respeito mútuo, essencial para a condução eficaz das oficinas terapêuticas. Os pacientes são convidados a participar das oficinas, conduzidas por subgrupos de estagiários, permitindo uma observação direta dos comportamentos, entrevistas e interações com os pacientes.

As oficinas terapêuticas constituem uma parte central da prática de estágio, proporcionando aos estagiários uma experiência imersiva na psicopatologia. Durante essas oficinas, os estagiários encontram uma diversidade de diagnósticos, como esquizofrenia, depressão, transtorno afetivo bipolar, mania, dependência de substâncias psicoativas, transtornos de personalidade, entre outros. Essa variedade de casos oferece uma oportunidade única de aprendizado sobre as diferentes manifestações da psicopatologia e de compreensão da aplicabilidade prática das teorias estudadas. Além disso, os estagiários desenvolvem habilidades interpessoais e técnicas fundamentais, como a escuta qualificada, a capacidade de manejo de crises e o desenvolvimento de intervenções que respeitem o tempo e as demandas individuais dos pacientes, aspectos que são difíceis de ser plenamente apreendidos apenas no âmbito teórico. No contexto das oficinas terapêuticas em grupo, é importante reconhecer que nem sempre as atividades programadas ocorrem conforme o planejado, devido às especificidades e dinâmicas do grupo. Zanella, Lessa e Ros (2002) ressaltam que o grupo está em constante transformação e movimento, o que exige atenção contínua ao processo grupal. Nesse sentido, oicineiro deve ser flexível e adaptar as estratégias conforme necessário para maximizar as reflexões dos participantes e responder às mudanças no dinamismo do grupo. Essas situações exigem dos estagiários uma capacidade de adaptação e sensibilidade para lidar com o inesperado, permitindo que desenvolvam não apenas habilidades técnicas, mas também emocionais, como a paciência e a empatia diante da resistência ou da dificuldade dos pacientes em participar das oficinas terapêuticas programadas.

Os últimos dez minutos de cada aula prática são reservados para discussão, feedback e orientação. Este é um momento de reflexão crítica, onde são discutidas as oficinas terapêuticas realizadas, os pacientes com quem os estagiários interagiram, o exame psíquico e as possíveis hipóteses diagnósticas formuladas. A análise das funções psíquicas alteradas e a correlação entre teoria e prática são discutidas detalhadamente, permitindo um aprendizado mais profundo e fundamentado. A escrita de relatórios é outra habilidade essencial desenvolvida durante o estágio. A orientação dos estagiários na redação de relatórios precisos e detalhados é fundamental para ajudá-los a

desenvolver habilidades de escrita técnica e a articular suas observações e análises de maneira clara e fundamentada. Os relatórios devem refletir não apenas as observações feitas durante as oficinas terapêuticas, mas também uma análise crítica e bem embasada nas leituras e teorias estudadas. O estágio de psicopatologia é uma experiência desafiadora tanto para os estagiários quanto para os professores orientadores. Para os estagiários, a prática proporciona uma visão realista dos desafios encontrados na psicopatologia, mostrando que por trás de cada diagnóstico há uma pessoa com uma história, emoções e experiências de vida. Para os professores orientadores, cada dia de estágio é uma oportunidade de crescimento pessoal e profissional. A interação com estagiários, pacientes e colegas professores orientadores proporciona uma compreensão mais profunda da psicopatologia e ajuda a desenvolver uma abordagem pedagógica que integra teoria e prática de maneira harmoniosa.

Uma análise detalhada dos resultados dessas oficinas mostra que, em muitos casos, os pacientes demonstram avanços significativos em sua saúde mental. Por exemplo, durante uma oficina voltada para o desenvolvimento de habilidades sociais, observou-se que um paciente diagnosticado com esquizofrenia, inicialmente isolado e reticente em participar de atividades em grupo, passou gradativamente a interagir com os colegas e a se envolver nas discussões. Ao final de algumas semanas, ele já conseguia manter diálogos mais fluentes e relatar suas emoções de forma mais clara. Em outro caso, uma paciente que participava de uma oficina de expressão emocional por meio de pintura conseguiu externalizar sentimentos de angústia e tristeza que ela anteriormente não conseguia verbalizar, o que proporcionou uma nova perspectiva para o tratamento terapêutico. No entanto, também é importante refletir sobre os limites do método. Em alguns casos, a resistência inicial dos pacientes às atividades artísticas ou a dificuldade em manter o foco nas discussões guiadas podem retardar o progresso esperado. Isso reforça a necessidade de adaptações constantes e da personalização das abordagens, respeitando o tempo e o ritmo de cada indivíduo. Embora a arte e a discussão proporcionem vias potentes de expressão, é essencial que os facilitadores estejam preparados para lidar com frustrações e a oscilação de envolvimento por parte dos pacientes. A orientação de estágio em psicopatologia é uma prática rica e múltipla que vai além da simples aplicação de teorias aprendidas em sala de aula. É uma jornada que envolve tanto desafios emocionais quanto intelectuais, exigindo uma abordagem pedagógica que seja ao mesmo tempo teórica e prática. A interação direta com os pacientes, a construção de vínculos e a experiência de oficinas terapêuticas são elementos fundamentais que contribuem para a formação de futuros profissionais. A experiência prática não só enriquece o aprendizado dos estagiários, mas também humaniza a teoria da psicopatologia, mostrando que cada diagnóstico representa uma pessoa com uma história única e complexa. Através dessa prática, estagiários e professores orientadores aprendem a importância da empatia, da confidencialidade e do respeito no tratamento dos pacientes, desenvolvendo uma compreensão prática da psicopatologia. Este relato de experiência serve como um testemunho do valor e da importância do estágio em psicopatologia como uma parte integral da formação de profissionais competentes e empáticos, capazes de navegar pelos desafios complexos e múltiplos da saúde mental. É importante destacar que o estágio é, ao mesmo tempo, uma formação técnica e uma prática de humanização, onde os futuros profissionais aprendem não apenas a identificar

sintomas, mas a compreender a singularidade de cada paciente em sua totalidade.

## DISCUSSÃO

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022), a saúde mental é considerada um direito humano fundamental e desempenha um papel crucial no desenvolvimento pessoal, comunitário e socioeconômico. No contexto do estágio em Psicopatologia, é fundamental refletir sobre os principais marcos no desenvolvimento do cuidado em saúde mental, incluindo a Declaração de Caracas e as portarias nacionais, como a Lei nº 10.216, a Portaria nº 336 e a Portaria nº 3.088. Esses marcos históricos destacam a evolução em direção a um modelo de saúde mental mais comunitário e inclusiva, promovendo a desinstitucionalização e a proteção dos direitos dos pacientes. A Declaração de Caracas, de 1990, desempenhou um papel crucial na reforma psiquiátrica na América Latina, enquanto as legislações e portarias brasileiras subsequentes formalizaram a substituição dos hospitais psiquiátricos por serviços de atenção psicossocial. Essas mudanças refletem a importância de uma abordagem integrada e centrada na comunidade para o tratamento e cuidado. O estágio de psicopatologia é uma experiência desafiadora tanto para os estagiários quanto para os professores orientadores, juntos devem repensar a psicopatologia, sobretudo a psicopatologia psicanalítica.

Repensar a psicopatologia sob a ótica da psicanálise é um desafio, pois a "psicopatologização" da subjetividade humana tem se tornado cada vez mais prevalente no discurso dominante da saúde mental. Nesse contexto, o ser humano não é visto como responsável por suas paixões, já que elas não são uma escolha consciente. No entanto, ele assume a responsabilidade pelo impacto que essas paixões exercem em suas ações, permitindo um julgamento ético sobre sua conduta. Essa era a visão de Aristóteles, que acreditava que a virtude residia na pessoa que age em harmonia com suas paixões, atingindo um equilíbrio entre razão e emoção. Nesse equilíbrio se encontram tanto o "crime passionnal" quanto grandes realizações, ambos movidos pelo poder impulsor da paixão (Duque; Vianna, 2014). O contato direto dos professores orientadores com estagiários, pacientes e a instituição concedente moldam a abordagem pedagógica e aprofunda a compreensão da psicopatologia psicanalítica. A psicanálise interpreta as psicopatologias como resultantes dos conflitos que surgem entre o inconsciente e o consciente de cada indivíduo, consequência de sua natureza primordial. Por isso, essa abordagem é conhecida como psicopatologia psicanalítica. A intensidade ou a variação desses conflitos determina o tipo de psicopatologia, incluindo neuroses histéricas, fóbicas, obsessivas, de ansiedade, além de psicoses, perversões e distúrbios psicossomáticos (Duque; Vianna, 2014). O estágio de psicopatologia realizados, sob a ótica da psicanálise, traz questões fundamentais sobre a formação e os desafios enfrentados pelos estagiários de psicologia. A psicopatologia na abordagem psicanalítica. A psicoterapia de orientação psicanalítica enfrenta desafios metodológicos no tratamento da psicopatologia e na exploração da mente inconsciente, exigindo variações metodológicas cuidadosamente elaboradas (Pandit, 2020).

O trabalho clínico dos estagiários é uma oportunidade única para que eles possam observar, de forma prática como os

sintomas surgem como uma forma de solucionar temporariamente os conflitos entre as pulsões reprimidas e as exigências do Ego e do Superego. Assim, os estagiários são incentivados a entender as manifestações psicopatológicas não como simples transtornos, mas como expressões da subjetividade considerando a história de vida de cada paciente. No entanto, é fundamental que o processo de formação dos estagiários de psicologia não se limite somente na observação passiva dos sintomas. Os estagiários devem ser encorajados a adotar uma postura crítica frente a esses eventos sintomáticos, ignorando o fenômeno da "psicopatologização" contemporânea, onde o sofrimento humano é frequentemente medicalizado sem considerar a subjetividade do paciente. No entanto, o estágio reforça principalmente a base de conhecimento adquirido no contexto das experiências clínicas voltadas para saúde mental e casos terapêuticos específicos, mas raramente aborda a psicologia do desenvolvimento ao longo da vida e a psicopatologia do desenvolvimento ao longo da vida (Madan-Swain; Wallander, 2003). Esse é um desafio pedagógico relevante enfrentado pelos professores de psicopatologia, uma vez que a formação abrange muitos contextos, dentre eles privilegiar uma abordagem mais voltada à categorização diagnóstica dentro da escuta psicanalítica. Os professores orientadores desempenham um papel crucial ao orientar os estagiários para além da superficialidade dos diagnósticos e auxiliando a adotar uma abordagem que priorize a singularidade de cada paciente. A prática clínica da psicopatologia psicanalítica, vai além da simples observação e intervenção nos sintomas apresentados dos pacientes. Para Quinet e Nogueira (2017), a formação deve conter reflexões éticas sobre o papel do psicólogo diante do sofrimento psíquico, desconsiderando a normatização excessiva quanto a romantização do transtorno mental. Freud na década de 1920 ressaltava que o processo terapêutico não visa eliminar todos os sintomas do paciente, mas ajudava a transformar seus sintomas em algo compreensível. Podemos considerar que esse princípio continua a ser um pilar da psicanálise, que busca ofertar ao paciente a possibilidade de buscar um novo sentido ao seu sofrimento psíquico.

É importante que os estagiários também considerem a dimensão institucional. Como destaca Figueiredo (2004), a prática psicanalítica não ocorre em um vácuo, ela está inserida em um contexto institucional que pode de alguma forma influenciar a condução dos atendimentos clínicos. Portanto, os estagiários precisam se atentar sobre a importância de analisar de forma crítica a instituição na qual atuam, compreendendo tanto os limites da mesma quanto as potencialidades que ela oferece para a prática clínica. Assim o estagiário de psicopatologia na abordagem psicanalítica não apenas forma psicólogo tecnicamente, mas também como um futuro profissional crítico, comprometido com as transformações do nosso mundo contemporâneo de acordo com nossa realidade social e institucional em que estamos inseridos. Os estagiários de psicopatologia, na abordagem psicanalítica apreendem através da psicanálise a desenvolverem um olhar crítico e reflexivo, fundamental para uma compreensão das estruturas institucionais que podem apoiar ou limitar seu trabalho. Como por exemplo, instituições que promovem o acolhimento e a escuta ativa tendem a facilitar o ambiente terapêutico, permitindo que os estagiários explorem as subjetividades dos pacientes. Ou podemos considerar outro exemplo contrário que seria, instituições que exploram mais o lado burocrático, restringindo a capacidade dos estagiários de entender os contextos do sofrimento psíquico. Uma análise crítica pode

também apresentar reflexões sobre as políticas públicas de saúde mental. Os estagiários devem considerar o conhecimento desse campo e seus impactos na saúde clínica dos pacientes, especialmente em contexto de vulnerabilidade social. Esse olhar crítico na abordagem psicanalítica pode levar a um aumento da conscientização sobre as necessidades dos pacientes e sobre a importância de um atendimento que considere as particularidades de cada um, promovendo um acolhimento que vá além da medicalização, do estigma e da psicopatologização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o estágio de psicopatologia é anunciado pelos professores orientadores, observa-se uma mistura de medo e angústia nos estagiários. Nos primeiros dias na instituição concedente, alguns estagiários chegam a ter crises de ansiedade. Os professores orientadores, então, precisam dividir sua atenção entre os estagiários que estão conduzindo as oficinas, os pacientes e aqueles que enfrentam crises de ansiedade. Uma das mais importantes contribuições da psicanálise à psicopatologia está na área da afetividade. A angústia ocupa um lugar central na teoria freudiana dos afetos. Freud considera a angústia como um afeto fundamental que surge do conflito eterno entre os impulsos instintivos primordiais, os desejos e as necessidades do indivíduo, e as suas exigências sociais (Dalgarrondo, 2019). Apesar da angústia inicial, os estagiários valorizam o estágio de psicopatologia. Eles têm a oportunidade de relacionar teoria e prática, aplicando oficinas terapêuticas, observando e entrevistando pacientes, realizando exames psíquicos e levantando hipóteses diagnósticas. Todo esse trabalho é fundamentado na teoria estudada em sala e indicada pelo orientador. Essa experiência permite aos estagiários aplicar o conhecimento acadêmico de maneira prática, proporcionando um significado marcante. No final do curso, muitos expressam que o estágio em psicopatologia foi o melhor, destacando a importância e a profundidade do aprendizado adquirido.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 336, de 19 de fevereiro de 2002. Disponível em: [https://bvsm.sau.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336\\_19\\_02\\_2002.html](https://bvsm.sau.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2002/prt0336_19_02_2002.html). Acesso em: 22 set. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 3088, de 23 de dezembro de 2011. Disponível em: [https://bvsm.sau.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088\\_23\\_12\\_2011\\_rep.html](https://bvsm.sau.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html). Acesso em: 21 set. 2024.
- BRASIL. Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. *Diário Oficial Eletrônico*, Brasília, DF, 09 abr. 2001, p. 2. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/110216.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110216.htm). Acesso em: 30 set. 2024.
- BRASIL. Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. *Diário Oficial Eletrônico*, Brasília, DF, 09 abr. 2001, p. 2.

- BRASIL. Declaração de Caracas. Disponível em: [https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao\\_caracas.pdf](https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/declaracao_caracas.pdf). Acesso em: 22 set. 2024.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília: CFP, 2005. Disponível em: [https://www.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/01/codigo\\_de\\_etica.pdf](https://www.cfp.org.br/wp-content/uploads/2020/01/codigo_de_etica.pdf). Acesso em: 22 set. 2024.
- DALGARRONDO, P. Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- DUQUE, F. A.; VIANNA, A. C. A. Psicopatologia psicanalítica: subjetividade e alteridade contemporâneas. *Estudos de Psicanálise*, n. 42, Belo Horizonte, dez. 2014. Disponível em: [https://www.pepsic.bvssalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372014000200006](https://www.pepsic.bvssalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372014000200006). Acesso em: 07 set. 2024.
- FERREIRA, A. P. O ensino da psicopatologia: do modelo asilar à clínica da interação. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 5, n. 4, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/rpsicopatologia/artic/view/19758>. Acesso em: 29 set. 2024.
- FIGUEIREDO, L. C. Instituições e psicanálise. São Paulo: Escuta, 2004.
- HECKERS, S. The value of psychiatric diagnoses. *JAMA Psychiatry*, v. 72, n. 12, p. 1165-1166, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1001/jamapsychiatry.2015.2250>. Acesso em: 22 set. 2024.
- MADAN-SWAIN, A.; WALLANDER, J. Commentary: internship training. *Journal of Pediatric Psychology*, v. 28, n. 2, p. 105-107, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jpepsy/jgg002>. Acesso em: 29 set. 2024.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Classificação Brasileira de Ocupações: CBO 2002. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego, 2007-2017b. Disponível em: <http://www.mte.gov.br/cbosite/pages/home.jsf>. Acesso em: 22 set. 2024.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. OMS divulga novas estatísticas mundiais de saúde, 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/20-5-2022-oms-divulga-novas-estatisticas-mundiais-saude>. Acesso em: 23 set. 2024.
- PANDIT, G. Freudian frontiers of psychoanalytic theory and therapy: a case of improvement of scientific knowledge? *Journal of Constructivist Psychology*, v. 35, p. 537-563, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10720537.2020.1728118>. Acesso em: 29 set. 2024.
- QUINET, A.; NOGUEIRA, D. *Psicanálise e psicopatologia: novas abordagens clínicas*. São Paulo: Blucher, 2017.
- SILVEIRA, N. *Imagens do inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.
- ZANELLA, A. V.; LESSA, C. T.; ROS, S. Z. Contextos grupais e sujeitos em relação: contribuições às reflexões sobre grupos sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 15, n. 1, p. 211-218, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/prc/a/TT3B3txRfPtPG7ZDfxtMp5J/>. Acesso em: 22 set. 2024.